

Justiça para todos

**Acabar com a violência contra os trabalhadores
ou trabalhadoras de sexo:
Evidências sobre violações dos direitos humanos**



**“A humanidade
não conhece raça,
sexualidade, profissão e
origem. É uma questão
de respeito, inclusão
e reconhecimento.
Os trabalhadores ou
trabalhadoras de sexo
são humanos, os seus
direitos humanos não
devem ser postos em
causa!”**

Introdução

“**Conhecer os meus direitos aumentou a minha auto estima e respeito. Antes, eu não preocupava com as violações que me aconteciam, mas agora eu sei meus direitos e onde buscar apoio.**”

Os direitos humanos são universais e incluem os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. No entanto, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo enfrentam violações dos seus direitos, suportando desde há muito tempo um tratamento injusto, o estigma e a discriminação, incluindo a criminalização do trabalho de sexo. Esta realidade força a maioria deles a trabalharem clandestinamente em ambientes que os colocam em risco. Impede-os de aceder aos serviços de saúde e direitos sexuais reprodutivos (SDSR), aos cuidados de saúde essenciais e ao tratamento, enquanto o seu risco de infecção pelo HIV é 30 vezes superior ao da população feminina em geral.¹ O estigma e a discriminação também dificultam a denúncia da violência à polícia. Consequentemente, a impunidade prevalece, permitindo que os clientes, a polícia, os provedores de cuidados de saúde e as comunidades maltratem e explorem os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo sem consequências, afectando negativamente o seu bem-estar e a sua saúde.

Em 2024, as histórias e crenças prejudiciais em torno do trabalho de sexo continuaram a aumentar, incluindo as declarações do Relator Especial das Nações Unidas sobre a Violência contra as Mulheres, que associou o trabalho de sexo ao tráfico de seres humanos e à exploração infantil. Esta tendência faz parte de um debate mais alargado contra os direitos que mina os progressos alcançados pelos movimentos de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Ela sublinha a importância do nosso trabalho e a necessidade de recolher consistentemente provas das experiências reais dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo para contrariar estas histórias prejudiciais. Para expor a violência contra os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo e fornecer-lhes evidências para acção de sensibilização, o programa Hands Off apoia a documentação de violações dos direitos humanos. Defender e salvaguardar os direitos humanos dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo é essencial para garantir um futuro seguro e saudável para todos.

Como recolhemos as evidências?

Este relatório apresenta os dados sobre violações dos direitos humanos perpetradas contra trabalhadores ou trabalhadoras de sexo captados entre Novembro de 2023 a Dezembro de 2024 no âmbito do programa Hands Off. Os relatórios sobre violações dos direitos humanos foram recolhidos através do sistema ONA. Este ano, um total de **2.624 violações dos direitos humanos** foram reportadas por trabalhadores ou trabalhadoras de sexo em Moçambique, Zimbabué, eSwatini, Botswana, África do Sul e Zâmbia. Os dados foram recolhidos por educadores de pares, defensores dos direitos humanos, paralegais, equipas de resposta a crises e trabalhadores ou trabalhadoras de sexo que prestam um apoio essencial em toda a região. Quando um trabalhador ou trabalhadora de sexo recorre a um activista, o incidente é registado utilizando software seguro e confidencial para documentar a violação.

¹ UNAIDS (2021) HIV and sex work- human rights fact sheet series

Este relatório oferece apenas um retrato das realidades enfrentadas pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo a nível regional e não capta todo o alcance das suas experiências. Os dados foram extraídos exclusivamente dos locais de implementação do Hands Off, o que significa que muitas violações dos direitos humanos permanecem não documentadas. Por detrás de cada relatório há uma história e uma pessoa cujos direitos fundamentais foram violados. É importante ter isso em mente durante a leitura.

A maioria dos dados é proveniente de Moçambique (72,3%), onde a documentação sobre direitos humanos é uma componente crucial do programa Hands Off. Os dados são recolhidos em todas as províncias do país e utilizados pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo para informar a programação. Todos os meses, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo e a polícia analisam as violações para registar as incidências e garantir o seguimento por parte da polícia. Como tal, os dados globais são significativamente influenciados por Moçambique. Mais adiante no relatório, centrar-nos-emos nos dados específicos de Moçambique.

Padrões de violência

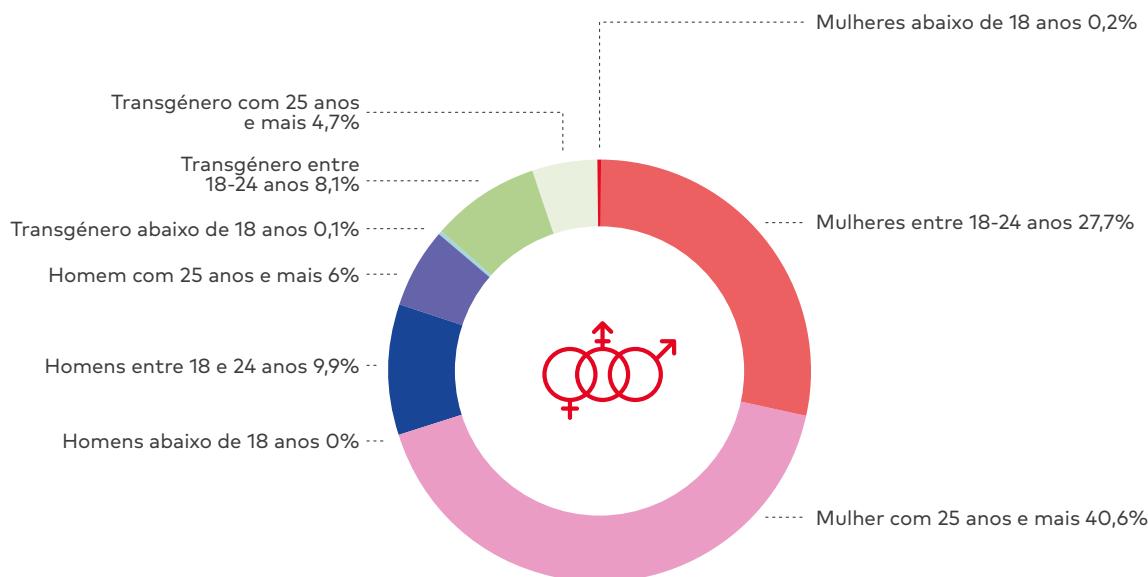
2024 é o quarto ano em que apresentamos os dados sobre violações dos direitos humanos. Em comparação com o ano passado, registamos um ligeiro aumento das violações reportadas pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, de 2466 para 2624. Embora o aumento dos casos reportados possa dever-se a um aumento das violações na região, também pode sugerir que os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo se sentem mais seguras para se apresentarem ou têm melhor acesso a mecanismos de denúncia e sistemas de apoio. Novos parceiros juntaram-se ao programa Hands Off na Zâmbia, no Zimbabué e em eSwatini. Devido ao seu início tardio na documentação de evidências, as suas contribuições não são tão proeminentes como para explicar este aumento.

Os clientes e a comunidade em geral continuam a ser os maiores grupos que cometem violações contra os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Isto indica que as normas e atitudes sociais prejudiciais ainda estão profundamente enraizadas na sociedade, afectando negativamente os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Como resultado, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo são injustamente julgados, tratados como menos dignos e enfrentam discriminação no acesso ao apoio.

O reporte de casos vindo de jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com idades entre os 18 e 24 anos, de todos os géneros, aumentou significativamente de 35,5% em 2023 para 46,5% em 2024. Este aumento pode reflectir o aumento da vulnerabilidade e o crescimento da população de jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Além disso, destaca os esforços dos parceiros de implementação do Hands Off na integração dos jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo no seu trabalho e fornece-lhes o apoio de que necessitam. Esta visibilidade acrescida é crucial para fazer face às suas vulnerabilidades e garantir que os seus direitos sejam respeitados.

Evidencias sobre violacao de direitos humanos

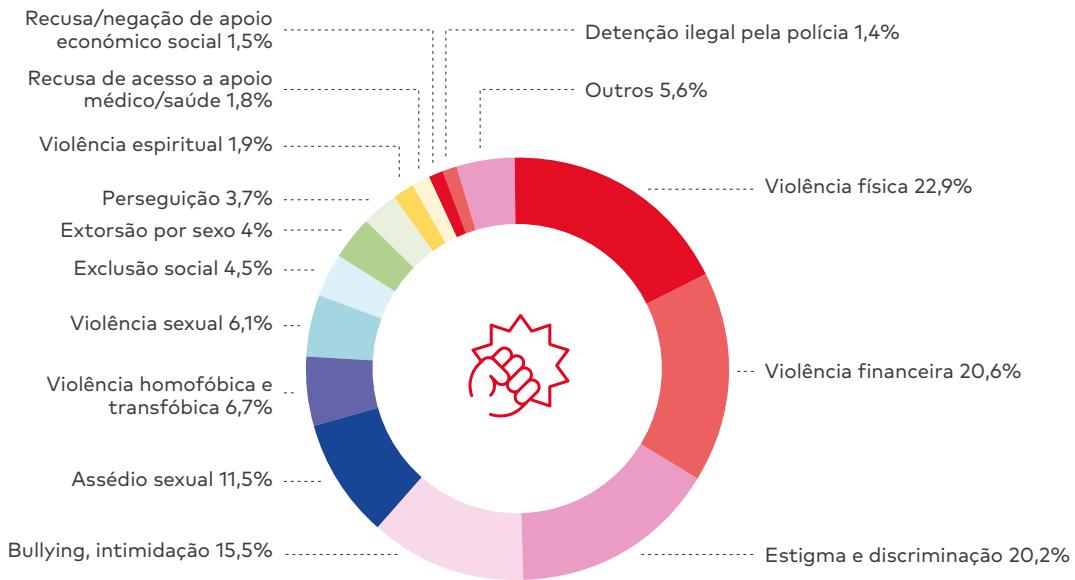
Género e faixas etárias



As mulheres trabalhadoras de sexo continua a ser o grupo mais incidente (68,5%) a reportar a violência. Uma vez que as mulheres trabalhadoras de sexo representam a maior parte da população de trabalhadores de sexo, não podemos concluir que enfrentam um risco elevado de violações dos direitos humanos. Os homens trabalhadores de sexo representam 15,9% dos registos, e os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo transgêneros 12,9% dos registos. As violações foram reportadas por pessoas que fazem o trabalho de sexo entre os 15 e os 61 anos de idade², com uma idade média de 27 anos. A maioria dos registos veio de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com mais de 25 anos (53,2%), seguidos de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo entre 18-24 anos (46,5%).

2 0,3% das violações foram comunicadas por indivíduos com menos de 18 anos, que não são objeto do programa Hands Off. Para este relatório, centrar-nos-emos nos trabalhadores do sexo adultos com 18 anos ou mais, o principal grupo-alvo do programa Hands Off.

Tipos de violências³



“**Em casos como este, não devemos ter medo de falar, mesmo que o perpetrador seja um agente da polícia, porque perante a lei, somos todos iguais e temos os mesmos direitos.**”

A violência física, financeira e o estigma e a discriminação em resultado da sua profissão continuam a ser as principais formas de violência denunciadas pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, 22,9%, 20,6% e 20,2%, respectivamente. A violência sexual é reportada por 6,1% dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo também reportam violações como a negação de acesso aos filhos, a negação de acesso ao banco e violações da privacidade. Outros casos extremos incluem assassinato, envolvimento num atropelamento e fuga na zona quente e violação em grupo. A maioria das violações ocorre durante o trabalho (53,6%), em casa (26,1%), mas também quando não estão a trabalhar no espaço público (13%). Outros locais mencionados pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo foram o gabinete de imigração, a igreja, a mesquita, a sala de aula e as redes sociais.

Maiores riscos em função do género e idade

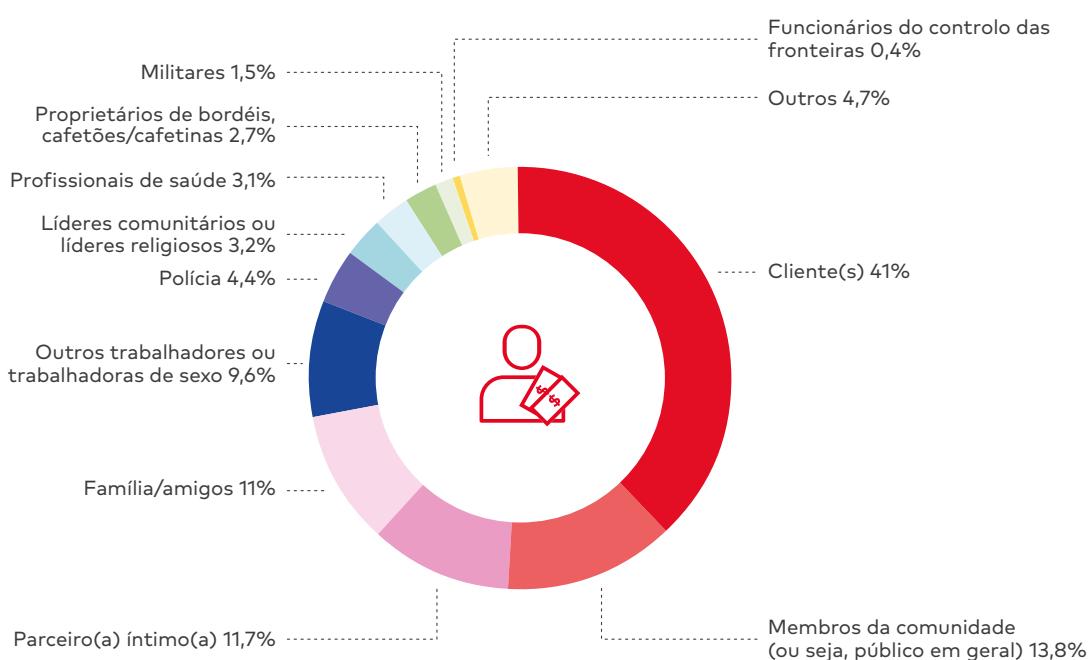
Os homens e transgéneros trabalhadores de sexo são mais susceptíveis de denunciar violência espiritual, bem como estigma e discriminação. Os trabalhadores do sexo transgéneros são mais susceptíveis de serem vítimas de bullying e intimidação: 27,4% dos inquiridos transgênero referiram este tipo de violência, enquanto 39,6% foram vítimas de estigma e discriminação. As mulheres trabalhadoras de sexo são mais susceptíveis de reportar violência física e violência financeira. 26,5% das mulheres inquiridas reportaram violência física e 24,8% reportaram violência financeira. Os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo mais jovens (entre os 18 e 24 anos) são mais susceptíveis de reportar violência homofóbica e transfóbica e estigma e discriminação, enquanto os mais velhos (25 anos ou mais) são mais susceptíveis de reportar violência física e violência financeira.

³ Definições sobre os diferentes tipos de violência podem ser encontradas no final do relatório.

Perpetradores

**Era de manhã cedo.
Eu estava a ir para o
meu trabalho extra.
Enquanto caminhava,
um tipo que sabia que
eu era trabalhadora de
sexo ameaçou-me com
uma faca. Obrigou-me a
ir com ele para o mato,
onde me despiu e me
violou sob a ponta de
uma faca.**

Os clientes continuam a ser o principal grupo de perpetradores, representando 41%. A comunidade em geral é outro grupo significativo com 13,8%. Os parceiros íntimos são agora o terceiro maior grupo de perpetradores com 11,7%, registando um ligeiro aumento em relação ao ano passado, quando representavam 8,1% dos relatos. Em comparação com os grupos de perpetradores anteriormente referidos, foram efectuadas menos denúncias sobre profissionais de saúde, polícia e líderes religiosos. No entanto, estes grupos desempenham um papel fundamental no acesso dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo à saúde e à justiça, bem como na sua posição na comunidade. Por conseguinte, mesmo um pequeno número de denúncias pode ter um impacto significativo na vida quotidiana dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. A violência por parte de profissionais de saúde mais do que duplicou em 2024. Esta tendência alarmante cria uma barreira ao acesso dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo à prevenção e aos cuidados de HIV. Outros perpetradores identificados pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo incluem professores, esposas de clientes e um número notável de violações reportadas por ex-namorados e ex-parceiros.



As mulheres trabalhadoras de sexo e as com mais de 25 anos são as que correm maior risco de sofrer violações por parte dos clientes, com 49,5% das mulheres trabalhadoras de sexo e 48,1% com mais de 25 anos a reportarem esse tipo de violência. Os homens e os transgéneros trabalhadores de sexo enfrentam maiores riscos de violações por parte de familiares e amigos, da comunidade em geral e de líderes religiosos. Além disso, os trabalhadores de sexo transgéneros são mais vulneráveis a violações por parte de proprietários de bordéis, cafetões e cafetinas. Os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, com idades compreendidas entre os 18 e 24 anos, estão particularmente expostos ao risco de violência por parte de membros da comunidade, familiares e amigos.

Perpetradores por tipo de violência

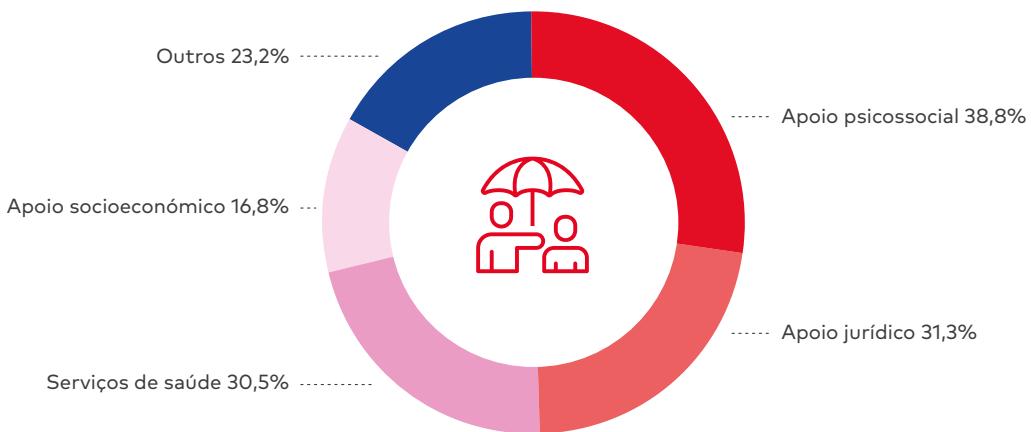
A representação dos perpetradores varia consoante o tipo de violência. Para muitas formas de violência, os clientes estão no topo da lista. Entre os 602 casos de violência física registados, 46,8% envolvem clientes. Os parceiros íntimos foram responsáveis por 19,4% desses casos, seguidos por outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo (10,1%) e membros da comunidade (9,3%). Os clientes são também os perpetradores mais frequentemente reportados em casos de violência financeira. Dos 541 relatos de violência financeira, 71% envolviam clientes. Os segundos maiores grupos foram os parceiros íntimos (10,2%) e outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo (8,7%). Os clientes são também o grupo mais representado nos casos de violência sexual (62,9%), assédio sexual (48,5%) e bullying e intimidação (31,3%).

Em alguns tipos de violência, os membros da comunidade estão fortemente representados, por vezes até mais do que os clientes. Dos 176 casos de violência homofóbica e transfóbica reportados, quase metade (49,4%) envolveu membros da comunidade, seguidos de familiares e amigos (23,9%). Os clientes estiveram envolvidos em 18,8% destes casos, e os parceiros íntimos em 13,6%. No que respeita aos casos reportados de estigma e discriminação, os membros da comunidade estão no topo da lista. Dos 529 relatos, 25,7% envolveram membros da comunidade, seguidos de clientes (21,9%) e familiares e amigos (18,9%). Os parceiros íntimos estiveram envolvidos em 17,0% dos casos. No que respeita ao bullying, intimidação e assédio sexual, os membros da comunidade são o grupo mais numeroso, precedido pelos clientes.

“Numa reunião de família, disseram-me que não podia ter uma palavra a dizer, porque não tenho futuro.”

Os outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo ocupam o terceiro lugar da lista em várias categorias. Entre os casos registados de violência física, violência financeira e bullying e intimidação, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo são o terceiro maior grupo envolvido. Embora a polícia só esteja envolvida em 4,4% de todos os relatos de violência, 1 em cada 10 relatos de violência sexual envolve agentes da polícia.

Apoiar os sobreviventes da violência



“O educador de pares falou sobre a importância de estarmos unidos enquanto trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, explicando que, quando lutamos entre nós, tornamo-nos mais vulneráveis aos clientes que abusam dos nossos direitos.”

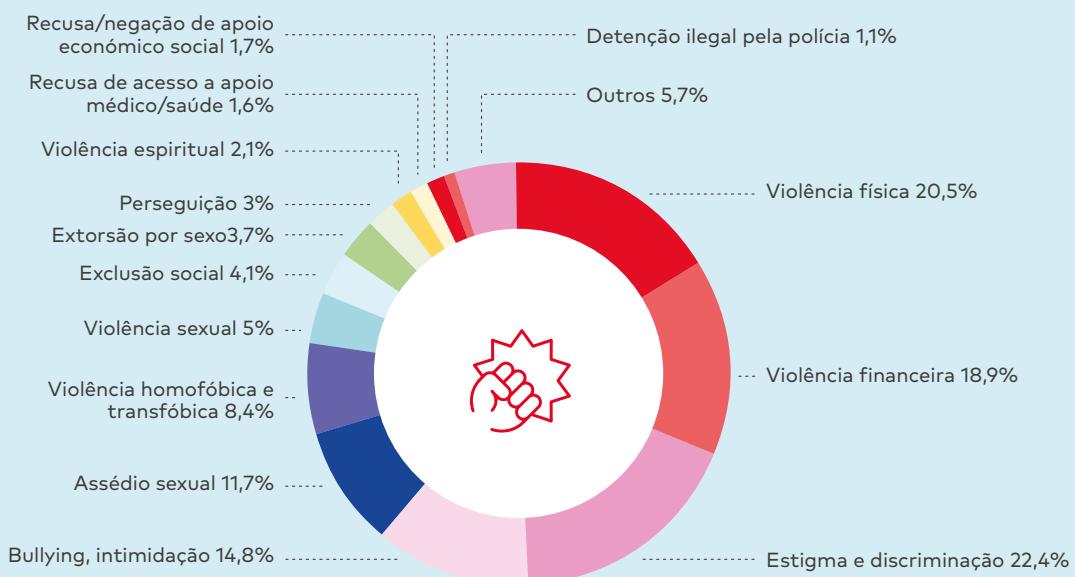
Os parceiros de implementação do Hands Off desempenham um papel crucial no apoio aos sobreviventes de violência. Eles ajudam os sobreviventes a acederem serviços vitais e a percorrerem o caminho para a justiça. No ano passado, 78,2% dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo afirmaram ter acedido a um ou mais serviços. A maioria dos sobreviventes recebeu apoio psicossocial (38,8%), prestado por colegas, assistentes sociais, operadores de linhas de apoio ou líderes religiosos. Registou-se um aumento significativo de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo que receberam serviços de saúde (30,5%). 31,1% dos sobreviventes tiveram acesso a apoio jurídico, incluindo assistência na preparação de evidências para o tribunal e no fornecimento de atestados médicos. Outras formas de apoio (23,2%) incluíram o acompanhamento de indivíduos à esquadra da polícia para apresentarem a queixa, ajuda na recuperação de dinheiro dos clientes e o encorajamento dos membros da comunidade e dos líderes religiosos para um maior apoio e envolvimento. Nalguns casos, tratou-se simplesmente de uma conversa amigável.

Apesar dos esforços para oferecer serviços inclusivos a todos os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, alguns grupos continuam a ficar para trás. As mulheres trabalhadoras de sexo têm menos probabilidades de aceder a apoio jurídico depois de denunciarem a violência. Em comparação com as mulheres trabalhadoras de sexo, os homens e os transgéneros têm menos probabilidades de aceder a apoio psicossocial. Também o grupo etário mais jovem tem menos probabilidades de aceder a apoio psicossocial em comparação com a faixa etária mais velha.

Dados específicos por idade: Jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo

Analisando os relatórios dos jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, verificamos que foram registadas **1.867 violações dos direitos humanos** no grupo etário dos 18-29 anos. A maioria dos registos veio de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo entre os 18 - 24 anos (65,3%), enquanto 34,7% dos registos vieram daqueles entre os 25 e os 29 anos, o que provavelmente reflecte a distribuição etária dos jovens ou trabalhadoras de sexo. As mulheres jovens trabalhadoras de sexo são o grupo demográfico mais numeroso (61,8%). Os homens trabalhadores de sexo representaram 19,8% dos registos e os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo transgénero 16,0% dos registos.

Tipos de violações para jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo



Os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com mais de 25 anos reportam mais violência financeira e física, enquanto que para os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com menos de 25 anos, o estigma e a discriminação são a principal violação reportada. Outros tipos de violações ocorrem a taxas semelhantes em ambos os grupos etários. O estigma e a discriminação são especialmente reportados pelo grupo mais jovem de jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, entre os 18 e 24 anos de idade (24%), e por homens jovens (34,9%) e transgéneros e transgéneros (39,5%) trabalhadores de sexo. Os homens jovens transgéneros trabalhadores de sexo também têm maior probabilidade de reportar violência homofóbica e transfóbica e violência espiritual. Os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos (23,9%) e as jovens mulheres trabalhadoras de sexo são mais susceptíveis de denunciar violência financeira (24%).

“É muito difícil para mim, enquanto jovem trabalhador ou trabalhadora de sexo, denunciar casos de violência numa esquadra de polícia. Há muitos julgamentos e perguntas sobre o motivo pelo qual me dedico ao trabalho de sexo numa idade tão jovem. Os agentes da polícia afirmam sempre que mereço a violência porque sou um jovem trabalhador ou trabalhadora de sexo.”

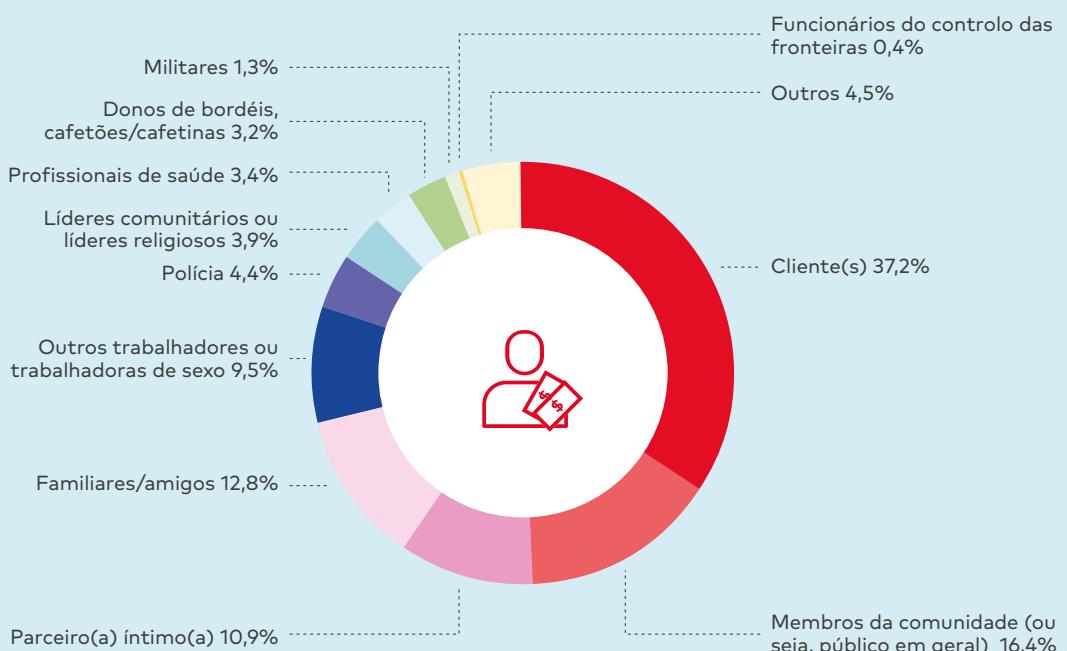
A extorsão por sexo é uma categoria mais proeminente entre os mais jovens. Os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com idades compreendidas entre os 18 e 24 anos têm mais probabilidades de sofrer este tipo de violência (4,4%) em comparação com os que têm entre 25 e 29 anos (2,5%). Outras violações incluíram a rejeição por parte de membros da família, a obrigação de casar com um homem mais velho e a recusa de acesso à educação. Estes exemplos realçam a vulnerabilidade acrescida dos jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo devido à sua idade.

Perpetradores

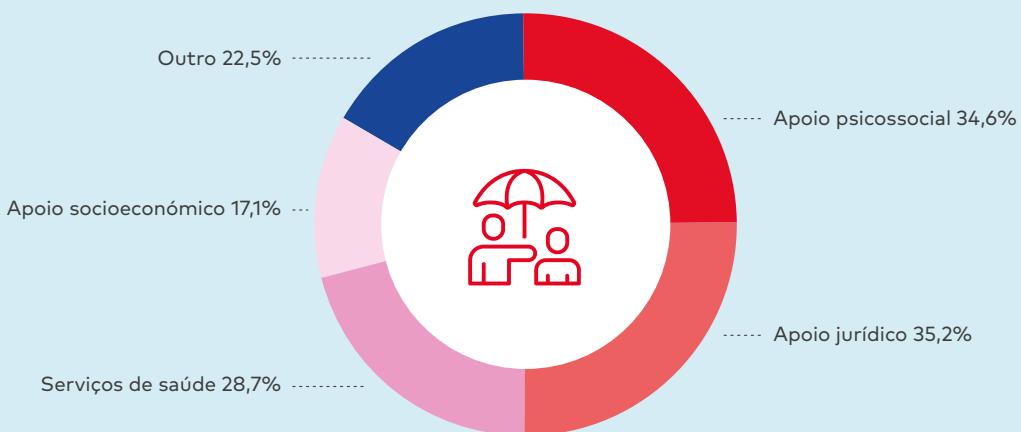
Os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo são vítimas de violência por parte de perpetradores semelhantes aos dos seus homólogos mais velhos. Os clientes são os perpetradores mais comuns, seguidos dos membros da comunidade.

Os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com idades compreendidas entre os 18 e 24 anos têm maior probabilidade de reportar violência por parte de membros da comunidade. Por outro lado, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo entre os 25 e 29 anos correm um risco elevado de serem vítimas de violência por parte dos clientes.

As jovens mulheres trabalhadoras de sexo têm maior probabilidade de denunciar violência por parte de clientes e de outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Os homens jovens transgéneros trabalhadores de sexo têm maior probabilidade de reportar violência por parte de familiares/amigos, líderes comunitários ou religiosos e membros da comunidade. Os homens jovens trabalhadores de sexo também têm maior probabilidade de reportar violência por parte de parceiros íntimos, enquanto os jovens transgéneros trabalhadores de sexo têm maior probabilidade de reportar violência por parte de donos de bordéis, cafetões/cafetinas.



Apoiar jovens sobreviventes da violência



Nos últimos anos, os parceiros do Hands Off têm-se esforçado muito para alcançar mais jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com os seus serviços. É encorajador ver que 74,7% dos jovens sobreviventes de violência tiveram acesso a um ou a uma combinação de serviços vitais de saúde e psicossociais, e receberam orientação para procurar justiça após uma violação. A maioria dos sobreviventes recebeu apoio jurídico após a violência (35,2%), onde foram, por exemplo, assistidos a levar a violação ao tribunal.

Entre os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo, as jovens mulheres trabalhadoras de sexo tinham menos probabilidades de aceder apoio jurídico, enquanto os homens jovens e transgéneros trabalhadores de sexo tinham menos probabilidades de aceder a apoio psicossocial. Este facto coincide com a informação dos dados gerais, incluindo trabalhadores ou trabalhadoras de sexo com 29 anos ou mais. O acesso limitado destes grupos pode dever-se às normas sociais prevalecentes em torno da masculinidade, que podem desencorajá-los de procurar apoio. Ademais, os jovens transgéneros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo tinham menos probabilidade de ter acesso aos serviços de saúde do que outros jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo.

Recomendações

Recomendações para os políticos e decisores políticos:

- Desriminalizar o trabalho de sexo! É a estratégia mais eficaz para melhorar e proteger a vida dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo e os seus direitos humanos. A desriminalização cria um ambiente favorável ao trabalho de sexo e aumenta o acesso aos sistemas de justiça, aos cuidados de saúde e a condições de trabalho mais seguras.
- Assegurar a plena participação dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Incluir os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo em todas as etapas da elaboração de políticas e leis que digam respeito à sua saúde, direitos e segurança.

Recomendações para os financiadores:

- Assegurar que as necessidades de financiamento estão a ser satisfeitas. O financiamento de programas para trabalhadores ou trabalhadoras de sexo é deixado para trás: apenas 0,3% de todo o financiamento na região da África Oriental e Austral é atribuído a programas para trabalhadores ou trabalhadoras de sexo centrados no HIV e nos facilitadores sociais. É essencial colmatar esta lacuna de financiamento para garantir a protecção dos direitos dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo.
- Fornecer financiamento flexível e de longo prazo directamente às organizações lideradas por trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Investir no reforço da sua capacidade, sustentabilidade e resiliência a longo prazo.
- Disponibilizar financiamento também direcionado para os facilitadores sociais, incluindo esforços destinados a diminuir as violações dos direitos humanos contra os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Disponibilizar financiamento para intervenções como a literacia em matéria de direitos, a advocacia pela reforma legislativa e a melhoria do acesso dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo à justiça.

Recomendações para as agências das Nações Unidas e para a sociedade civil:

- Ser um aliado. Apoiar activamente a agenda da desriminalização do trabalho de sexo e avançar no sentido de acabar com a violência contra os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo.

Recomendações para o movimento de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo

- Procurar iniciativas colectivas de resolução de conflitos. Incluir a superação da dissidência entre gerações e o combate conjunto à violência entre trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Os activistas e líderes dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo devem promover a unidade no seio da sua comunidade para enfrentar colectivamente os perpetradores comuns de violência, incluindo os clientes e a sociedade em geral.
- Reconhecer o papel dos jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo e capacitar-los para defenderem efectivamente os seus direitos humanos, o que é essencial para poderem desafiar a injustiça e a violência.

Comunidades na liderança

- As iniciativas lideradas pela comunidade são a forma mais eficaz de reduzir o HIV e a violência. Está provado que as iniciativas lideradas por trabalhadores ou trabalhadoras de sexo reduzem em 32% o risco de novas infecções por HIV entre os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. É essencial financiar iniciativas lideradas por trabalhadores ou trabalhadoras de sexo e juntar-se a elas.

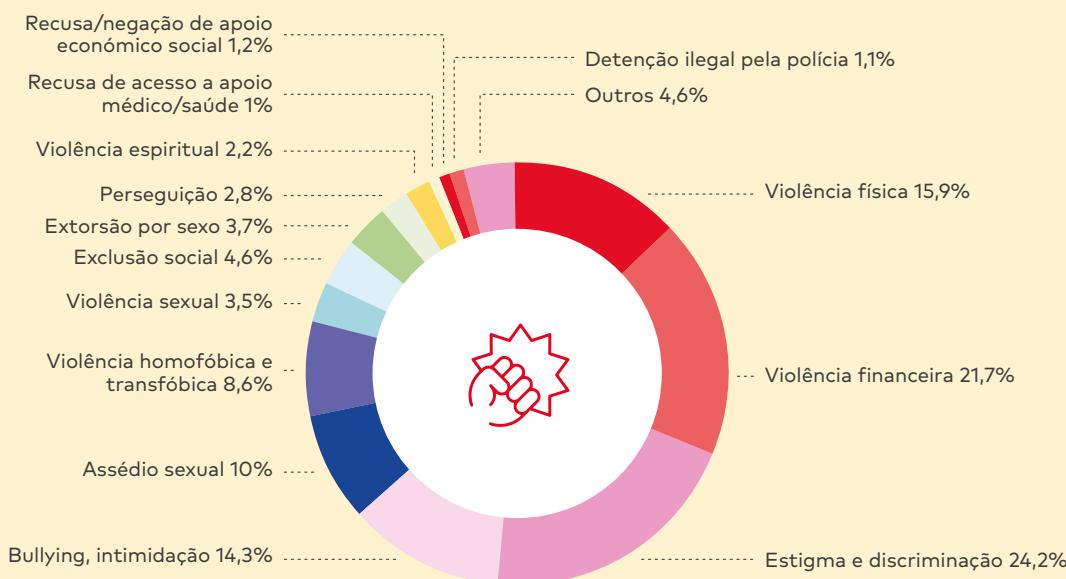


Dados específicos do país: Moçambique:

Nos últimos anos, Moçambique tem sido um líder no informe de dados sobre violações dos direitos humanos no âmbito do programa Hands Off. A Plataforma Nacional para os Direitos dos Trabalhadores ou Trabalhadoras de Sexo, apoiada pela Pathfinder, contribuiu mais uma vez com a maioria dos dados para o relatório deste ano. Por conseguinte, é essencial examinar atentamente os dados no contexto moçambicano.

Em Moçambique, **1.898 violações dos direitos humanos** foram registadas entre Novembro de 2023 a Dezembro de 2024 pelos pontos focais da Plataforma Nacional dos Direitos dos Trabalhadores ou Trabalhadoras de Sexo em todas as províncias. As mulheres trabalhadoras de sexo são o maior grupo demográfico de reporte de casos (58,9%). Os homens trabalhadores de sexo representaram 20,4% dos registo, e os trabalhadores de sexo transgénnero 17,0% dos registo. Em Moçambique, a idade média dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo que reportaram violações dos direitos humanos foi de 25,4 anos. Pouco mais de metade dos registo vieram de trabalhadores ou trabalhadoras de sexo entre os 18-24 anos (52,3%), enquanto 47,4% dos registo vieram de pessoas com 25 anos ou mais.

Tipos de violações



O estigma e a discriminação resultantes da sua profissão são o tipo de violência mais dominante reportado pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo (24,4%) em Moçambique. Estas violações são seguidas pela violência financeira (21,7%) e física (15,9%) como as mais reportadas, os dois tipos mais comuns no relatório regional. Notavelmente, a violência sexual é reportada com menos frequência (3,5%) em Moçambique do que a nível regional (6,1%).

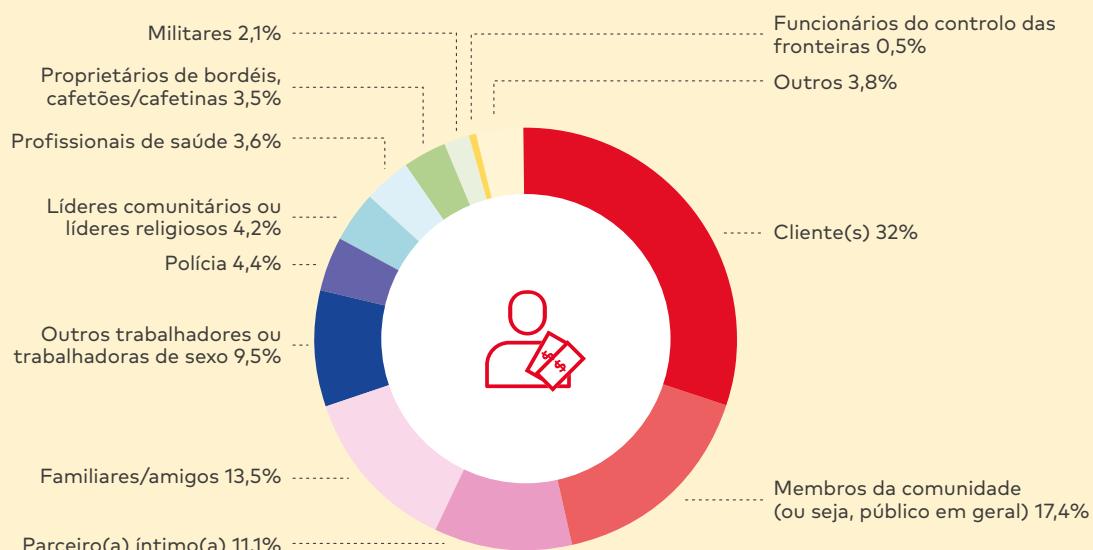
“Estou satisfeito com as actividades da plataforma, saber os meus direitos foi e tem sido fundamental, já sei onde recorrer em caso de violência, em caso de uma situação de saúde. Estou usando os conhecimentos adquiridos para apoiar a outros beneficiários.”

Riscos elevados em função do género e idade

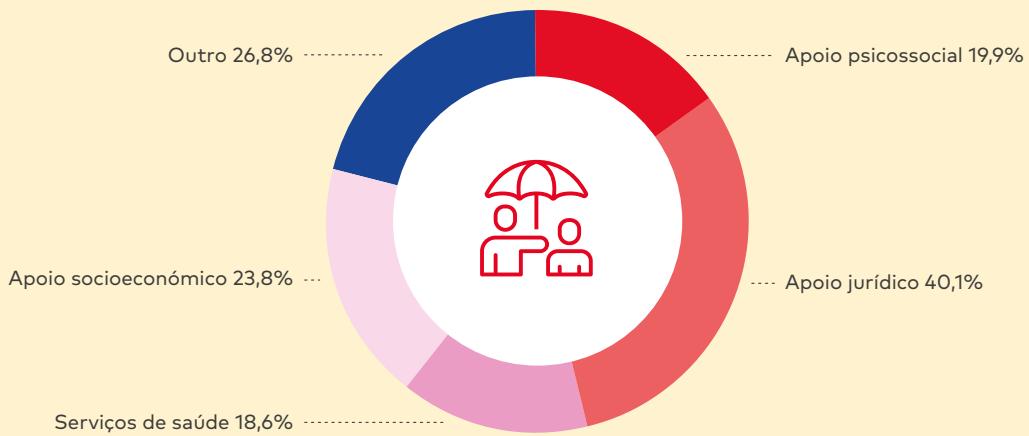
Enquanto os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo mais velhos estavam mais em risco de violência financeira, os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo são mais susceptíveis de reportar assédio sexual, violência sexual, estigma e discriminação e violência homofóbica e transfóbica. As mulheres trabalhadoras de sexo em Moçambique têm maior tendência de reportar violência financeira e violência física, e os homens e transgéneros trabalhadores de sexo têm maior risco de sofrer violência homofóbica e transfóbica, violência espiritual, e estigma e discriminação. Entre os homens trabalhadores de sexo 34,9% reportaram estas violações e entre o grupo transgénnero 39,8% reportaram estigma e discriminação. Além disso, os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo transgénnero em Moçambique também correm um risco acrescido de violência física, bullying e intimidação.

Perpetradores

Os clientes são o principal grupo de perpetradores (32%) em Moçambique. A comunidade em geral segue como outro grupo significativo com 17,4%. Enquanto os parceiros íntimos estão entre os três principais perpetradores a nível regional, em Moçambique, a família e os amigos são o terceiro maior grupo de perpetradores. Apesar de os clientes continuarem a ser o maior número de perpetradores, eles representam apenas 32% dos casos em Moçambique, em comparação com 41% no total. Os membros da comunidade, por outro lado, representam uma percentagem maior de perpetradores em Moçambique (17,4%) do que a nível regional (13,8%). Isto deve-se principalmente ao facto de os religiosos e os membros da comunidade se oporem ao trabalho de sexo e criarem um ambiente sem apoio para os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo no país. As mulheres trabalhadoras de sexo são mais susceptíveis de reportar violência por parte de clientes e de outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Entretanto, os homens e transgéneros trabalhadores de sexo são mais propensos a denunciar familiares e amigos, líderes comunitários ou religiosos e membros da comunidade como perpetradores. Os jovens trabalhadores ou trabalhadoras de sexo entre os 18-24 anos são mais susceptíveis de reportar violência por parte de familiares e amigos e membros da comunidade. Os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo mais velhos são mais susceptíveis de denunciar violência por parte de clientes. Estes dados são idênticos aos dados globais.



Apoiar os sobreviventes da violência



O apoio aos sobreviventes de violência está a ser prestado principalmente por membros da Plataforma Nacional de Direitos dos Trabalhadores ou Trabalhadoras de Sexo. Os pontos focais da Plataforma desempenham um papel crucial no encaminhamento dos seus pares para o apoio de que necessitam quando os seus direitos são violados. 71,3% dos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo reportaram ter acedido a um ou a uma combinação de serviços de apoio.

Entre os que acederam a apoio, o apoio jurídico foi o mais frequentemente acedido pelos trabalhadores ou trabalhadoras de sexo (40,1%), seguido da categoria 'outros', que inclui todos os serviços que não estão incluídos nas categorias sugeridas, como o apoio dos pontos focais e a assistência da polícia para apresentar uma denúncia. Em comparação com o conjunto global de dados, é de notar que tanto a categoria "outros" como a categoria de apoio socioeconómico são mais proeminentes do que o apoio psicossocial e os serviços de saúde. É muito provável que esta diferença se deva ao papel crucial que os pontos focais comunitários desempenham na prestação de apoio aos seus pares.

Recomendações para Moçambique

- Incorporar abordagens de envolvimento masculino no programa para lidar com prováveis clientes e perpetradores.
- Reforçar as sessões de sensibilização e consciencialização para os líderes comunitários e religiosos para abordar o estigma e a discriminação a nível comunitário.
- Expandir o conteúdo de treinamento para incluir o empoderamento económico, a resolução de conflitos e fortalecer a voz dos defensores dos direitos humanos.
- Continuar a documentar dados baseados em evidências sobre a violência através do envolvimento liderado pela comunidade.

Categorias de violações dos direitos

A violência física inclui o espancamento, a brutalidade, os socos e a utilização de objectos e armas como pistolas, facas e gás pimenta.

A violência sexual inclui agressão sexual, violação, serviços sexuais não desejados, sexo não desejado sem preservativo.

O assédio sexual é definido como olhares, gestos e comentários sexuais não desejados.

A extorsão sexual inclui sexo em troca de libertação da custódia policial, sexo em troca de drogas e álcool, ou suborno.

A violência financeira inclui extorsão em troca de dinheiro, recusa de pagamento ou roubo de dinheiro.

O bullying e a intimidação são vistos como assustar alguém para que faça algo, usando ameaças.

O estigma e a discriminação incluem chamar nomes, estereótipos, definição de perfis, tratamento negativo e injusto, discriminação nas unidades sanitárias.

A violência homofóbica e transfóbica é definida como violência especificamente perpetrada devido à sexualidade ou à identidade de género (LGBTIQ)

A detenção ilegal pela polícia implica manter em cativeiro um trabalhador ou trabalhadora de sexo, apesar de não haver base legal para o fazer.

A perseguição é definida como seguir, observar ou assediar outra pessoa.

A negação de acesso ao apoio médico/saúde inclui impedir o acesso a medicamentos (como ARV), serviços de prevenção e tratamento médico.

A recusa/negação de apoio socioeconómico inclui impedir o acesso a pacotes de ajuda e o acesso a empréstimos, habitação, etc.

A violência espiritual inclui impedir que os trabalhadores ou trabalhadoras de sexo visitem um local de culto ou participem em eventos religiosos, utilizando a religião para justificar a violência e a exclusão da comunidade religiosa.

A exclusão social é vista como a exclusão dos familiares directos, da comunidade em geral, incluindo amigos e outros trabalhadores ou trabalhadoras de sexo.

Dados fornecidos por:



O modelo Hands Off tem sido eficaz na redução da violência contra trabalhadores ou trabalhadoras de sexo. Para mais informações sobre o programa: www.aidsfonds.org/hands-off

Tornado possível graças ao apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos



Kingdom of the Netherlands